

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

16 – A Perfeição da Igualdade (II)

13.02.22

(Parte IV – Capítulo XI)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1

11.1- A Primeira Necessidade para a Perfeição Espiritual

- Um desapego, a calma de uma consideração equânime, uma superioridade às reações que perturbam. Uma igualdade perfeita de nosso espírito e natureza é um meio pelo qual nós podemos nos retirar da perturbada e ignorante consciência exterior para dentro desse reino dos céus interior.
- Uma perfeita igualdade e paz da alma é indispensável para transformar a inteira substância do si a partir de seu presente estofo de mentalidade perturbada. O equilíbrio igual na ação é especialmente necessário para o sadhaka do Yoga Integral.

11.2- A Base da Igualdade

- Aceitação e compreensão de todas as energias - uma sábia impessoalidade:
 - a) ver todas as coisas como manifestação do Divino - a existência una;
 - b) não ser irritado, perturbado, impaciente com o modo das coisas: a lei deve ser obedecida e o passo do tempo respeitado;
 - c) observar e compreender com simpatia a realidade das coisas e seres;
 - d) olhar por detrás da presente aparência a seus significados interiores, e à frente, ao desenrolar de suas possibilidades divinas.
- A Perfeição humana deve incluir autodomínio e domínio do entorno. Não ser submisso aos ataques da natureza mais baixa, à turbulência da tristeza e alegria, prazer e dor, emoções e paixões, inclinações e aversões pessoais, ao desejo e apego.
- Igualdade é a essência do movimento de elevar-se acima do si mais baixo. Ser livre de todas essas coisas - ou pelo menos superior a elas - é igualdade.

11.3- Passos para a Igualdade

- a) Conquista de nosso ser emocional e vital das preferências vitais por purificação:
 - ser livre do domínio do impulso do desejo vital e das paixões é ter um coração calmo e igual, e o princípio vital governado pela ampla e serena visão de um espírito universal.
 - não é um ascético matar do impulso vital, mas sua transformação.
 - coração livre, amplo, calmo, igual, luminoso; um coração de sentimento espiritual.
 - não é matar a natureza emocional, mas transformação: o amor a todas as coisas como nós próprios - tudo como poderes do Divino -.
 - o ódio é impossível, mas não a energia de Rudra, que luta e destrói sem ira.
- b) Levar essa igualdade ao restante de nosso ser:
 - ser dinâmico, de ação: ação imparcial e universal - igualdade da vontade.
 - ser estético: sem preferências
- c) Igualdade na mente pensante (preferências intelectuais):
 - é a mais delicada e difícil de todas - sua perfeição impossível enquanto a luz supramental não descer plenamente à mentalidade.
 - é necessário uma crescente vontade para a igualdade na inteligência.

Desejo é a impureza do Prana (o princípio de vida)
e a corrente que escraviza.

Um Prana livre significa uma alma de vida contente e satisfeita
que enfrenta sem desejos o contato das coisas externas
e os recebe sem se perturbar;

liberada,
elevada acima da dualidade escravizadora das atrações e repulsões,
indiferente às solicitações do prazer e da dor,
não estimulada pelo agradável
nem perturbada ou abatida pelo desagradável,
sem se agarrar com apego aos contatos que prefere
e sem repelir com violência aqueles pelos quais sente aversão,
a alma de vida abrir-se-á em sua experiência
a uma ordem de valores mais vasta.

5

Tudo que lhe vem do mundo com ameaça ou com sedução
ela os referirá aos princípios superiores,
a uma razão e a um coração
em contato com a luz e com a alegria calma do espírito
ou mudados por elas.

Assim aquietada, governada pelo espírito
e não mais a tentar impor seu próprio governo
à alma mais profunda e mais pura em nós,
essa alma de vida será ela mesma espiritualizada
e agirá como um instrumento claro e nobre
das relações divinas do espírito com as coisas.

Não é questão aqui de uma aniquilação ascética do impulso de vida
e de suas utilidades e funções nativas;
não é sua morte que é exigida,
mas sua transformação.

6

A função do Prana é a fruição,
 mas a fruição real da existência
 é a Ananda espiritual interior,
 não parcial e perturbada
 como a de nossos prazeres vitais, emocionais ou mentais,
 degradados como eles são agora
 pela predominância da mente física,
 mas uma fruição universal, profunda,
 uma concentração massiva de beatitude espiritual
 possuída no calmo êxtase de nosso self e de toda a existência.

Possuir é sua função,
 pela posse a alma tem a fruição das coisas;
 mas a verdadeira posse é ampla e interior,
 não depende da apreensão exterior das coisas,
 pois isso nos torna sujeitos do que apreendemos.

7

Toda posse ou fruição exteriores
 serão apenas a ocasião para um jogo satisfeito e igual
 da Ananda espiritual com as formas e os fenômenos
 de seu próprio ser cósmico.

É preciso renunciar à posse egoística,
 à apropriação de todas as coisas
 – como o ego quer se apropriar de Deus,
 dos seres e do mundo, *parigraha*
 – para que essa Coisa maior,
 essa vida mais vasta, universal e perfeita
 possa cumprir-se.

Tyaktena bhunjithah,
 ao renunciar ao sentido egoístico do desejo e da posse,
 a alma frui divinamente seu self e o universo.

8

Do mesmo modo, um coração livre é um coração
 liberado das rajadas e tempestades das afeições e das paixões;
 os assaltos da aflição, da cólera, da raiva, do medo,
 as inconstâncias do amor, o desassossego da alegria,
 as dores da tristeza abandonam o coração equânime
 e o deixam amplo, calmo, estável, luminoso, divino.

Essas coisas não são inevitáveis para a natureza essencial de nosso ser,
 mas são as criações do feitio atual
 de nossa natureza externa ativa, mental e vital,
 e suas transações com o meio circundante.

O sentido de ego que nos induz a agir como seres separados
 que fazem de suas exigências e de suas experiências isoladas
 o critério de valores do universo,
 é o responsável por essas aberrações.

9

Quando vivemos unidos com o Divino em nós mesmos
 e com o espírito do universo,
 essas imperfeições se distanciam
 e desaparecem na força calma
 e no deleite igual
 da existência espiritual interior.

Sempre,
 essa vida interior está aí,
 dentro de nós,
 e transforma os contatos exteriores
 antes que a alcancem,
 fazendo-os passar através de uma alma psíquica
 subliminar em nós,
 que é o instrumento escondido
 de sua felicidade de ser.

10

Pela igualdade do coração
escapamos dessa alma de desejo agitada da superfície,
abrimos as portas desse ser mais profundo,
trazemos suas respostas
e impomos seus verdadeiros valores divinos
a tudo que é solicitado por nosso ser emocional.

Um coração com sentimentos espirituais,
livre, feliz, igual,
que abraça tudo,
é o resultado dessa perfeição.

11

Nessa perfeição também,
não é preciso uma insensibilidade severa e ascética,
uma indiferença espiritual remota
ou uma austeridade áspera e tensa de autorrepressão.

Isso não é a morte da natureza emocional,
mas uma transformação.

Tudo que se apresenta aqui, em nossa natureza exterior,
em formas deturpadas e imperfeitas,
tem um significado e uma utilidade que se revelam
quando retornamos à verdade mais vasta do ser divino.

O amor não será destruído mas aperfeiçoado,
expandido à sua capacidade mais vasta,
aprofundado em um êxtase espiritual.

12

– o amor a Deus, o amor pelo ser humano,
o amor por todas as coisas porque elas são nós mesmos
e porque são seres e poderes do Divino;

um amor amplo, universal,
perfeitamente capaz de relações variadas
substituirá o amor clamoroso, egoístico, voltado para si
e feito de pequenas alegrias e pequenas tristezas
e de demandas insistentes,
aflito por todo o variegado padrão de
cóleras, ciúmes e satisfações,
pelos impulsos para a unidade
e os movimentos de fadiga,
os divórcios e as separações,
a que atribuímos agora um valor tão alto.

13

As aflições deixarão de existir;
uma simpatia igual e um amor universal tomarão seu lugar,
não uma simpatia que sofre,
mas um poder que, ele mesmo liberado,
terá a força para sustentar, ajudar, liberar.

Para o espírito livre a cólera e o ódio são impossíveis,
mas não a poderosa energia divina de Rudra,
que pode lutar sem ódio e destruir sem cólera,
porque, todo o tempo, ela percebe
que as coisas que destrói são partes dela mesma,
suas próprias manifestações e, portanto,
nada altera sua simpatia ou sua compreensão
por aqueles que encarnam essas manifestações.

14

Toda a nossa natureza emocional
será submetida a essa alta transformação liberadora;
mas, para que isso se faça,
uma igualdade perfeita é a condição efetiva.

Essa mesma igualdade deve instaurar-se no resto de nosso ser.

Todo nosso ser dinâmico age sob a influência de impulsos desiguais
que são manifestações da natureza inferior ignorante.

Obedecemos a esses impulsos ou em parte os controlamos
ou exercemos sobre eles a influência oscilante de nossa razão,
que os atenua,
de nossos sentimentos estéticos,
que os refinam,
de nossa mente e de nossas noções éticas,
que os regulam.

15

Uma tensão emaranhada de certo e errado,
de útil e nocivo,
de atividades harmoniosas ou desordenadas
é o resultado misturado de nosso empenho,
uma norma que oscila entre a razão e os disparates humanos,
entre a virtude e o vício,
a honra e a desonra,
o nobre e o ignóbil,
as coisas aprovadas e as coisas desaprovadas pelos homens
e um grande tormento pela aprovação e desaprovação de si
ou entre uma virtude falsa e o desgosto,
o remorso, a vergonha
e a depressão moral.

16

Essas coisas são, sem dúvida,
necessárias no presente,
para nossa evolução espiritual.

Mas aquele que busca uma perfeição maior
se retirará de todas essas dualidades,
as verá com um olhar igual e, pela igualdade,
chegará à ação imparcial e universal de um tapas dinâmico,
de uma força espiritual
na qual sua força e vontade pessoais
tornar-se-ão instrumentos puros e justos
de uma calma superior
que é o segredo do trabalho divino.

As regras mentais comuns
serão ultrapassadas a partir dessa base de igualdade dinâmica.

17

A vontade do buscador voltará seu olhar para o além,
buscará a pureza de uma existência divina,
o motivo de um divino poder de vontade
guiado pelo conhecimento divino
do qual nossa natureza aperfeiçoada
será o propulsor, *yantra*.

Isso não é possível de maneira completa
enquanto o ego dinâmico,
submisso aos impulsos emocionais e vitais
e às preferências do julgamento pessoal,
interferir em sua ação.

Uma perfeita igualdade da vontade
é o poder que dissolve esses nós
dos impulsos inferiores que conduzem à ação.

18

Essa igualdade não responderá aos impulsos inferiores,
 ela esperará o impulso de uma visão mais vasta
 vinda da Luz acima da mente;
 ela não julgará nem governará
 a partir de um julgamento intelectual,
 mas esperará a iluminação
 e a direção de um plano de visão superior.

Na medida em que se eleva em direção ao ser supramental
 e que seu interior se alarga nas extensões espirituais,
 a natureza dinâmica será transformada,
 espiritualizada,
 assim como a natureza emocional e prânica,
 e tornar-se-á um poder da natureza divina.

19

Haverá inumeráveis tropeços, erros e imperfeições
 na adaptação dos instrumentos ao seu novo modo de funcionar,
 mas a alma, em sua igualdade crescente,
 não será perturbada em demasia nem sofrerá por essas coisas,
 visto que, confiante na guiança da Luz e do Poder no interior do self
 e acima da mente,
 ela seguirá seu caminho com uma segurança firme
 e, em uma calma crescente,
 estará pronta para as vicissitudes,
 até completar o processo de transformação.

A promessa do Ser Divino na Guita
 será a âncora de sua resolução:
 “Abandona todos os dharmas e refugia-te em Mim somente;
 Eu te liberarei de todo pecado e de todo mal; não te aflijas.”

20

A igualdade da mente pensante
será uma parte muito importante
da perfeição dos instrumentos da natureza.

Nosso apego sedutor cheio de justificações
para nossas preferências intelectuais,
para nossos julgamentos, opiniões, imaginações,
para as associações limitantes da memória
que formam a base de nossa mentalidade,
para as repetições correntes de nossa mente habitual,
para as obstinações de nossa mente pragmática,
e mesmo para as limitações de nossa mente de verdade intelectual,
deve seguir o mesmo caminho que os outros apegos
e ceder seu lugar à imparcialidade de uma visão igual.

21

Em sua igualdade, a mente pensante olhará
o conhecimento e a ignorância, e a verdade e o erro
– essas dualidades criadas
pela natureza limitada de nossa consciência
e a parcialidade de nosso intelecto,
com seu pequeno depósito de raciocínio e de intuições –
e aceitará ambos sem entrelaçar-se,
nem de um lado nem de outro,
nos fios da tecedura,
e ficará à espera de uma transcendência luminosa.

Na ignorância, ela verá um conhecimento aprisionado
que busca ou espera a liberação;
no erro, uma verdade em processo,
que se perdeu ou foi precipitada
em formas enganadoras pela mente tateante.

22

Por outro lado, essa mente pensante
 não se considerará atada ou limitada por seu conhecimento,
 nem sentirá que ele a impede de avançar para novas iluminações,
 e ela tampouco agarrará a verdade com demasiada violência,
 mesmo ao usá-la plenamente,
 nem a acorrentará com tirania às suas formulações atuais.

Essa igualdade perfeita da mente pensante é indispensável,
 porque o objetivo desse progresso é a luz mais vasta
 que pertence a um plano superior de conhecimento.

Essa igualdade é a mais delicada e a mais difícil de todas,
 e é a menos praticada pela mente humana;
 sua perfeição é impossível,
 enquanto a luz supramental não inundar plenamente
 uma mentalidade que se volta para o alto.

23

Mas uma vontade crescente de igualdade na inteligência é necessária,
 antes que a luz possa trabalhar com liberdade na substância mental.

Isso também não é uma negação das buscas
 e dos propósitos cósmicos da inteligência,
 nem uma indiferença ou um ceticismo imparcial,
 tampouco uma imobilização de todo o pensamento no silêncio do Inefável.

A imobilização do pensamento mental pode fazer parte da disciplina
 quando o objetivo for liberar a mente de suas próprias operações parciais,
 a fim de que ela possa se tornar um canal igual
 de uma luz e conhecimento superiores;
 mas deve haver também uma transformação da substância mental,
 senão, a luz superior não poderá possuir a mente de maneira completa,
 nem assumir uma forma convincente
 para cumprir as obras ordenadas pela consciência divina no ser humano.

24

O silêncio do Inefável é uma verdade do ser divino,
mas a Palavra que brota desse silêncio é também uma verdade,
e é a essa Palavra que é preciso dar um corpo
na forma consciente de nossa natureza.

Mas, no final, toda essa “igualização” da natureza é uma preparação
para que a igualdade espiritual suprema tome posse do ser inteiro
e crie uma atmosfera geral em que a luz, o poder e a alegria do Divino
possam manifestar-se no ser humano com uma plenitude crescente.

Essa igualdade é a igualdade eterna de Satchitananda.

É a igualdade do ser infinito que é autoexistente,
uma igualdade do espírito eterno,
mas que modela, segundo seu molde próprio,
a mente, o coração, a vontade, a vida e o ser físico.

25

É a igualdade da consciência espiritual infinita,
que conterà e sustentará o fluir beatífico
e as ondas de um conhecimento Divino
que nos preenche por completo.

É a igualdade do Tapas divino
que iniciará uma ação luminosa da vontade divina
em toda a natureza.

É uma igualdade da Ananda divina
que fundamentará o jogo de um deleite divino universal,
de um amor universal,
de uma sensibilidade sem limites
à beleza universal.

26

Nessa igualdade,
a paz e a calma ideal do Infinito
serão o vasto éter de nosso ser aperfeiçoado,
mas a ação ideal, igual e perfeita do Infinito,
que mediante nossa natureza
age nas relações do universo,
será o derramamento sereno
do poder do Infinito em nosso ser.

Esse é o significado de igualdade
na linguagem do loga Integral.